

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam ...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quas sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
(triumphi Ecclesiae) ... in Christo Jesu.

id. 13, 14.

SUMMARIO:

O SEXTO ANNO! pela Redacção.—SECÇÃO RELIGIOSA: *Primeira Pastoral de S. Ex.ª R.ª o Snr. Arcebispo de Braga, D. Antonio José de Freitas Honorato; O Futuro*, por M. B.—SECÇÃO SCIENTIFICA: *Conferencias religiosas recitadas na Sª do Porto, por Monseñor Rodrigues Vianna, na Quaresma de 1883, V.*—SECÇÃO HISTORICA: *A igreja de S. João de Latrão em Roma*, pelo padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—SECÇÃO LITTERARIA: *Hymno a S. Vicente de Paulo, o Apostolo da caridade*, por Manuel Maria Frustuoso.—SECÇÃO CRITICA: *Testemunho insuspeito; Pedido a um liberal*, por um leitor de gazetas.—SECÇÃO ILLUSTRADA: *Basilica de S. Pedro e palacio Vaticano em Roma*, por R.—SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA, por A. de Guimarães.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.

GUIMARÃES 30 DE OUTUBRO DE 1883

O SEXTO ANNO!

O *Progresso Catholico* dá entrada com o presente numero, no 6.º anno da sua publicação.

O nosso programmaahi está distendido em 120 numeros que tem sido publicados, e a nossa bandeira bem conhecida é já de todos os catholicos, porque, mercê de Deus, temol-a arvorado em todas as terras de Portugal, e em muitos pontos da Europa, da Asia, da America, da Africa e da Oceania.

E' desnecessario, pois, novo programma!

Repetir que a nossa bandeira é a cruz, que o nosso codigo é o Evangelho, que o nosso chefe é o Papa, e que a nossa politica é o bem da Patria, desnecessario o julgamos, porque em cinco annos nos havemos escudado com a cruz, nos temos dedicado a propagar as leis da Igreja, nos não afastamos um passo só do caminho traçado pelo Vigario de Jesus Christo, e tem sido nosso empenho combater os erros do liberalismo, que a Igreja condemna, e que tanto mal tem causado à nossa querida patria.

Tem sido este o nosso viver em meio do jornalismo, durante cinco annos, e será assim a nossa vida no futuro.

Firmes no nosso posto; collocados na estacada da imprensa onde surdimos ha cinco annos, arvorando o lema bendito dos christãos, não nos amedrontam os tiros que dos contrarios arraiaes nos são arremessados, porque esses, ainda que eivados de perigosissimo veneno, não ousam tocar-nos: malditas como o anjo cahido, as balas inimigas retrocedem ao vêr a cruz, que com seus braços nos escuda, e vão ao proprio campo d'onde foram atiradas, levar a confusão e o terror.

Nem somos para medos de qualquer especie; provado o havemos já em repetidas refregas. Quando a nossa penna tiver de traçar uma censura, nada a deterá, e a censura hade vêr a luz da publicidade. E, ou hajamos de verberar os actos indignos dos governantes, ou mesmo de censurar asperamente o proceder de aquelles que se recostam no throno dos reis, a nossa linguagem hade ser franca e livre, porque livres somos e de livres descendemos.

Ha só uma auctoridade a quem devemos respeito e obediencia; uma auctoridade cujos actos nos não cumpre apreciar ao menos, e essa auctoridade é o Papa, o representante de Jesus Christo. Em o Papa fallando nós e todos os catholicos devemos obedecer, e aquelles que assim não fizerem, quer sejam grandes pelo saber e pelo ouro, quer sejam os senhores dos canhões e das bayonetas, quer sejam os que se cobrem com os alvos arminhos da realeza, são nossos inimigos, porque são inimigos do nosso Pae, porque não obedecem à voz da Igreja.

E' o Papa, e depois do Papa os Bispos, a quem submettemos os nossos actos, e de quem recebemos censuras. Se a auctoridade ecclesiastica nos mandar retirar qualquer expressão, desde logo o faremos, como filhos obedientes da Santa Igreja; fóra d'esta auctoridade, que nos importa as opiniões, que se nos dá que alguém arrepie ao sentir a aspereza da nossa linguagem?

Nós iremos sempre seguindo o nosso caminho, segurando sempre a cruz e com os olhos fitos sempre no cêo, sem nos importar a lucta constante dos partidos, respeitando todas as opiniões politicas, mas não consentindo que em nome de qualquer grupo partidario se insultem as crenças do nosso povo, se despreste o Vigario de Christo e se insulte estúpida e cobardemente o clero.

Continuamos na defeza da Igreja propagando livros que sejam fortes armas contra a impiedade, como fizemos no anno findo fazendo correr mundo as seguintes publicações, feitas pelo Centro de Propaganda Catholica em Portugal, e que são obras de verdadeira propaganda catholica:

O Positivismo e a sociedade, por Carlos José Caldeira, com uma extensa introdução pelo Padre Senna Freitas, esgotando-se a 1.ª edição dentro de poucos mezes.

Ella e Elles, bosquejo á penna, por um antigo jornalista, (J. de Lemos).

Os Frudes, defeza, justificação e apologia insuspeitissimas, pelo mesmo auctor, de que está quasi esgotada a 2.ª edição.

E concluimos o 2.º volume da *Historia verdadeira da Inquisição*. Todas estas publicações de alta importancia religiosa e social, e que de alguma forma farão mudar a corrente das idéas em o nosso paiz, tão mal encaminhadas pelos apostolos do falso progresso, do progresso sem Deus.

Não tem sido muito o que temos feito, mas a certeza de que ninguem tem feito mais em Portugal dá-nos a santa convicção de que continuaremos na senda encetada e que, com a ajuda dos assignantes do *Progresso Catholico* e com a protecção divina, que de forma alguma desprezamos, mais do que temos feito, faremos ainda.

Sejam nossos auxiliares n'esta cruzada santa da verdade contra o erro, da luz contra as trevas, todos os leitores do *Progresso Catholico*; façam por espalhá-lo quanto possivel, introduzindo-o em todas as casas, levando-o às mãos de todas as pessoas conhecidas, que com isso alargarão a area onde opéra o Centro de Propaganda Catholica em Portugal, e crearão adeptos para a causa

grandioso do triumpho da Egreja e ex-
plendor da Patria.

Eis-nos, pois, no principio do novo
anno. Polidas são ainda as nossas ar-
mas; alva e pura como as intenções que
nos animam é ainda a nossa bandeira:
ao combate, pois.

A REDACÇÃO.

Secção Religiosa

PRIMEIRA PASTORAL

DE S. EX.ª R.ª O SNR. D. ANTONIO
JOSÉ DE FREITAS HONORATO ARCEBISPO
DE BRAGA,
PRIMAZ DAS HESPAÑIAS

*Dom Antonio José de Freitas Honorato,
por mercê de Deus e da Santa Sé
Apostolica, Arcebispo de Braga, Pri-
maz das Hespanhas, etc.*

*Ao Exc.º e Rev.º Cabido, ao Rev.º Clero
e feix do Arcebispado de Braga*

Saude e benção em Jesus Christo
Nosso Senhor.

FAZEMOS saber, filhos em Jesus Chris-
to, que já tomamos posse da Ca-
deira Archiepiscopal de Braga; na
qual a Providencia Divina Nos collocou
depois de ter sido occupada por tão dis-
tinctos e venerandos Prelados, cujas pi-
sadas desejamos seguir com quanto Nos
seja isso difficilimo, attentos os acanha-
dos recursos de que dispomos. E' por
isso, que Nos apressamos a declarar
desde já e a exemplo d'elles o que
agora mais necessario se torna ao ser-
viço d'essa Santa Egreja.

1.º—Havemos nomeado Nosso Provi-
sor e Vigario Geral interino, ficando en-
carregado do governo d'esse Arcebispado,
em quanto não fizermos a Nossa
residencia n'elle, o Revd.º Presbytero
Manoel da Conceição da Costa e Silva,
a quem o Nosso venerando Antecessor
commetteu igual encargo. Queremos
igualmente que continue no anterior
exercicio todos os Ill.ºº e Revd.ºº De-
sembargadores da Relação Archiepisco-
pal, Juizes das respectivas varas, Fis-
caes, Officiaes do auditorio e Juizo Ec-
clesiastico, Vigarios Geraes e Arcipres-
tes e quaesquer Ministros que dependam
da nossa Jurisdicção.

2.º—Auctorisamos a continuacção de
quaesquer commissões, licenças, ou fa-
cullidades, que estavem em vigor quando
assumimos o governo d'esse Arcebispado,
em quanto não Mandarmos o con-
trario, devendo entender-se que pugna-
remos pelo cumprimento das clausulas
ou condições com que taes concessões
ou nomeações tenham sido feitas.

3.º—Rogamos ao clero, communida-
des e mais fieis, que Nos pertencem,
que implorem com suas fervorosas e
devotas preces o auxilio Divino, de que
carecemos tanto mais quanto são assás
minguados os Nossos recursos, e apou-
cadas as Nossas forças, afim de procu-
rarmos no exercicio de Nosso difficil e
importante cargo não desdizer muito da
sabedoria, zelo e piedade de tão illus-
tres predecessores Nossos, que foram in-
signes ornamentos da Santa Egreja de
Braga, com edificacção do rebanho e
grande credito e honra propria d'elles
mesmos. E' assim que poderemos tam-
bem, como desejamos promover o au-
gmento da Santa Religião Catholica
Apostolica Romana, a paz e prosperi-
dade da Egreja e a concordia d'ella
com o Estado.

4.º—Considerando a gravissima situa-
ção em que se acha o Santissimo Padre
o Papa Leão XIII, que ora rege com
tanta sabedoria a Egreja de Deus, e sendo
dever sagrado de seus filhos acudir a
tão dedicado e extremoso Pae, Ordena-
mos que se dé no Santo Sacrificio da
Missa, sempre que o rito o permittir, a
oração *pro Papa, Deus Omnium fide-
litium*, em quanto não Mandarmos o con-
trario.

5.º—Seja esta Nossa provisão regis-
trada em que se acha o Santissimo Padre
o Papa Leão XIII, que ora rege com
tanta sabedoria a Egreja de Deus, e sendo
dever sagrado de seus filhos acudir a
tão dedicado e extremoso Pae, Ordena-
mos que se dé no Santo Sacrificio da
Missa, sempre que o rito o permittir, a
oração *pro Papa, Deus Omnium fide-
litium*, em quanto não Mandarmos o con-
trario.

Dada em Lisboa sob Nosso signal e
sello aos 3 de outubro de 1883.

Antonio, Arcebispo de Braga.

O FUTURO

UM dia, senhores—dizia não ha mui-
to, n'um magnifico discurso, M.
Gabriel de Belcastel,—o fundador
da celebre e santa companhia, que eu
chamava ha pouco *a rainha dos pros-
criptos*, Ignacio voltava, descalço e men-
digando, d'uma peregrinacção a Jerusa-
lem. Depois da passagem da Palestina a
Chypre, buscava uma via para se diri-
gir d'esta ilha a Italia.

Dois navios, mui differentes, se acha-
vam alli, prestes a fazer-se de vela. Um
era um grande vaso de Veneza; o outro,
uma pequena barca mui fragil e mal
equipada.

O capitão do vaso veneziano recusou-
se a receber Ignacio por caridade, bem
que, no dizer dos passageiros, este ho-
mem fosse um santo; o patrão da peque-
na barca recebeu-o mui agradavelmente
e tractou-o o melhor que pôde pelo amor
de Deus. Ora, d'estes dois navios, só a
pequena barca chegou ao porto. O sober-
bo vaso espedaçou-se d'encontro aos
rochedos.

Não é isto, senhores, uma profetica
imagem do futuro?

Desde que S. Ignacio confiou a sua
gloriosa milicia à bussola divina e ao
vento das perseguições, os governos que
os alijaram ao mar não foram felizes até
ao fim...

E se eu dirigisse a vista mais ao lar-
go e ao alto, poderia mostrar-vos tudo
o que tem a unção divina e o sello di-
vino sobre a terra, como que guardado
por um anjo invisível e vingador.

A republica franceza, cujo presente
de jubiloso advento, ha oitenta annos,
foi matar padres e deitar aos ventos as
pedras do sanctuario, succumbiu duas
vezes à força das baionetas.

Tenha cautella a terceira republica!
Todos os poderes que feriram o altar,
se despedaçaram n'elle; todos, uns apoz
outros, n'elle se despedaçarão.

Um dia, todos os que houverem cons-
pirado contra o reino de Deus e do seu
Christo, serão levados como uma palha
n'um redemoinho. Tudo o que é bom,
justo, conforme com as leis eternas, vi-
verá vida nova. Sobre as ruínas amon-
toadas pela revolução se erguerá trium-
phalmente o templo de Jesus Christo.
Se nós não estivermos n'elle, virão nos-
sos filhos depois de nós acabar o acto
d'adoração. Christo reina! Christo vence!

M. B.

Secção Scientifica

CONFERENCIAS RELIGIOSAS

Recitadas na Sé do Porto, na Quaresma de 1883

POR

MONSENHOR RODRIGUES VIANNA

V

**A Educação é um Apostolado
de Amor**

(Continuado do n.º anterior)

SENHORES! tenho exaurido os limita-
dos recursos da minha pobre intel-
ligencia, e talvez cansado as vos-
sas aliás nunca desmentidas attenções,
discorrendo largamente sobre esse thema
sempre momentoso, instante e vital para
a humanidade e em todos os seculos,
qual é a educação das gerações futuras:
e, no entanto, se eu houvera começado
por onde vou acabar, teria dito tudo em
magnifica synthese, se vos dissesse desde
logo—Senhores! estabelecei a ordem e a
harmonia no amor que palpita no cora-
ção dos vossos filhos, e tereis realizado
o bello ideal da mais apurada e da mais
completa das educações!

Não vos pareça, todavia, facil e plana

semelhante empreza, porque o não é, infelizmente. Ardua empreza é, por certo, desviar d'um para outro curso a corrente das aguas, ou a corrente da electricidade; ardua empreza é, por certo, graduar a intensidade da chamma devoradora; ardua empreza, é por certo, soprear a furia do turbilhão impetuoso: pois não é empreza menos ardua dar o devido curso a essa corrente, a essa electricidade viva do amor que circula no coração humano, graduar essa chamma devoradora que n'elle flammeja; soprear esse turbilhão impetuoso, que n'elle se revolve. Quem hade encarregar-se, e desempenhar-se competentemente de semelhante empreza? Quem, senhores? Esperae...

Acode-me ao pensamento que o illustre Lacordaire, o principe dos oradores modernos, que no pulpito de Notre Dame cobriu de gloria a ideia christã, e na tribuna do parlamento francez vingou a liberdade na sua mais bella manifestação, Lacordaire disse um dia «só um genio pôde comprehender outro genio.» Seja-me licito acrescentar: e só um coração pôde dirigir outro coração. Os sentimentos tocam-se, atraem-se, e movem-se pela sympathia d'outros sentimentos eguaes. Só um amor muito puro e muito sublimado é que pôde depurar e sublimar o amor nativo do coração humano, e d'est'arte operar a educação moral no proprio centro d'ella.

Onde está esse amor? Ah! todos vós o conheceis, e tendes sentido as suas beneficinas influencias. Todos vós o conheceis. Elle deparou-se-nos logo ao nosso ingresso na vida, logo ao primeiro raio de luz, que desceu sobre os nossos olhos, logo á primeira lagrima e ao primeiro vagido, com que saudamos esta inclemente e lacrimosa terra do nosso exilio.

Admiravel a economia da Providencia!...

A educação é toda um Apostolado d'amor; e a Providencia fez da mãe, da primeira e a mais prestigiosa educadora do homem, um milagre vivo d'amor, amor ardente, amor profundo, amor heroico, amor incomparavel, amor que quasi toca as raias do infinito.

Admiravel a economia da Providencia!...

A mãe, de ordinario, encontra-se só, com a fraqueza d'uma debil mulher, a braços com esse emprehendimento, que bem podemos chamar gigantesco, de educar a prole. Encontra-se só, de ordinario; porque, em verdade, o pae mal pôde circumscrever-se exclusivamente, como ella, ao absorvente mister de educador.

De manhã o pae, antes de transpôr o limiar do sanctuario domestico para dar começo ás labutações da vida, irá talvez visitar o leito de seu filho adolescente, levantará uma ponta do véo que

o resguarda, e contemplará extatico, por alguns momentos, o anjo adormecido; mas já preocupado dos mil cuidados d'aquelle dia, imprime-lhe um osculo na face candorosa e pura, abençoa-o, sorri, e parte. Em que vae elle scismando? Vae revolvendo na mente, que deve centuplicar os suores da sua fronte para prover á existencia e ao futuro d'aquelle novo hospede que Deus lhe enviara, como prenda do céu, para rejubilar os seus lares. De tarde, nas horas de repouso, o pae virá talvez espaiar-se de suas fadigas balanceando em seus braços robustos o fructo querido do seu amor, depois de lhe haver repartido o pão substancioso do trabalho: mas, fazendo isto, que diz elle consigo mesmo? diz:—pela minha parte, heide exhaurir as minhas forças, para que, se elle soffrer, nunca soffra de miseria.

Admiravel a economia da Providencia!...

A mãe ordinariamente acha-se só, debil e fraca como é, a braços com a grande empreza de educar a prole; mas a Providencia veio em seu soccorro, e deu-lhe a parceria e a força prodigiosa do amor, que tudo applana, e tudo facillita, e tudo vence, tudo consegue.

Bastará, porém, esse amor, que a natureza inspira á mãe, para que ella cure e logre conseguir o que ha de mais difficil e de mais essencial no seu espinhoso mister de educadora, isto é, depurar e sublimar o amor no coração de seu filho? Cuido que não.

Vêde aquella mãe, revendo-se, toda um enlevo n'esse interessante adolescente, a quem dera o ser, e que permitta-se-me a expressão, a enfeitica, exhibindo a seus olhos os magicos encantos da primavera da vida: dizei-me o que quer, o que deseja ella para esse filho? O que hade desejar? Um céu sempre estrellado e sem nuvens, um ambiente todo perfumado de fragancias, um solo sempre juncado de flores, e uma corôa de loiros n'aquelle fronte, e uma aureola de gloria n'aquelle rosto, e um sorriso perenne n'aquelles labios, e aquelle coração repleto, satisfeito ainda na menor das suas veleidades. Eis até onde chega o amor instinctivo da natureza ao coração maternal. Deseja muito, aspira a muito, e concede muito; ás vezes tudo; e, no cabo de tudo, o amor instinctivo da mãe, só de per si, o mais que consegue é formar, com seus mimos e excessivas condescendencias, o que vulgarmentę se chama uma creança estragada; quer dizer—essa entidade incorrigivel dos collegios, sempre exigente e nunca satisfeita que é o desespero dos seus preceptores, e que preludia tristemente o mais deploravel typo social, o homem egoista.

Mas vêde agora aquella outra mãe, que se eleva com denodo acima de si

mesma, reprime os excessos e os desmandos do seu amor, obriga-o a conter-se dentro da esphera do justo e do razoavel, e depois accurva-se sobre o filho estremeado; e, sem se importar que elle se descontente ou se confranja, reaje com toda a sua energia invencivel contra as tendencias centralisadoras e egoistas, que descobre nas sinuosidades d'esse novel coração, e faz d'essa creança, informe e inutil; um character robusto, que sabe collocar o amor da justiça acima do proprio interesse, e, se necessario fôr, acima da propria vida; um cidadão prestimoso e dedicado, que sabe sacrificar-se nas aras do dever e da patria; um christão dignissimo, que sabe erguer as mãos ao céu ou baixal-as á terra para escondel-as no seio myrrado do polresinho, ou para enxugar as lagrimas do desventurado. Vêde essa mãe modelo, que tão bem comprehende o elevado ministerio, de que foi investida, desde que o céu a cingira da brilhante corôa da maternidade: vêde-a, e perguntae-lhe quem lhe ensina o segredo e lhe dá a força subrehumana de vencer o seu proprio coração? Ella responde-vos, apontando-vos para o divino Crucificado; e, sem que nada vos diga, diz-vos eloquentemente—só um amor é que pôde sublimar outro amor.—

Oh! sim: o amor de Jesus Christo! eis aqui, senhores, a minha ultima palavra, a minha ultima revelação, a revelação d'um mysterio dulcissimo, que eu guardava no recesso da minha alma, esperando anciadamente o ensejo opportuno de o patentear aos vossos olhos.

Ah! e como eu me sinto feliz ao revelar-vos este ineffavel mysterio, que, desde o começo da minha tarefa, eu tenho visto a pairar sempre, nos horisontes do meu pensamento, como a estrella luminosa, a estrella fixa, a estrella polar do meu assumpto! E quem me dêra que eu pudesse proclamar-o muito do alto, ao som dos hymnos, que as espheras entoam na immensidade, e fazel-o ecoar sobre as azas dos ventos em todos os angulos da terra! Quem me dêra, ao menos, que elle reboasse em ondas sonoras pelas naves e arcarias d'esta velusta Cathedral! Quem me dêra uma melodia inspirada, pedida aos concertos dos anjos, no céu, para dizer-vos n'este momento—Senhores! o verdadeiro e poderosissimo agente do apostolado da educação, é o amor de Jesus Christo; porque elle, e só elle é que depura e sublima o amor no coração do educante, e eleva o educando ao mais alto grão de perfectibilidade moral.

Vou demonstral-o, se bem que mui resumidamente, porque receio que o tempo chegue a escassear-me.

(Continua)

Secção Historica

A EGREJA DE S. JOÃO DE LATRÃO EM ROMA

II

É QUASI impossivel referir os innumeraveis objectos e as impressões variadissimas que offerece a monumental basilica de S. João de Latrão, a mais privilegiada das egrejas do mundo, enriquecida com fabulosas preciosidades por Constantino Magno.

Já dissemos que todas estas riquezas foram presa dos barbaros commandados por Alarico e Totila, e em varias epochas foi esta insigne egreja arruinada por um tremor de terra e devorada pelas chammas. Mas tambem foi muitas vezes reconstruida, recomposta, restaurada, engrandecida e decorada de pinturas.

Todas estas magnificencias recordam os nomes dos Papas Sergio III, Clemente V, Martinho V, Eugenio IV, Alexandre VI, Clemente VII, Pio IV e Gregorio XIII.

Em S. João de Latrão está a propria meza em que Nosso Senhor instituiu a sagrada Eucharistia, monumento do infinito amor d'um Deus.

Está alli tambem parte do vestido de purpura que lançaram sobre os hombros do Salvador no pretorio de Pilatos: parte da esponja molhada no fel e vinagre que lhe deram a beber no alto da Cruz: a taça em que apresentaram o veneno a S. João Evangelista, e que elle bebeu sem com isso sentir mal algum: parte da tunica e da cadeia com que o mesmo discipulo amado foi conduzido de Epheso a Roma: uma espada de S. Lourenço: a milagrosa cabeça de S. Pancraccio, martyr: uma vertebra de S. Carlos Borromeu e de S. Philippe Nery: e finalmente uma pasta composta das cinzas de multos martyres, reliquias preciosas que compõem o que se chama o *thesouro da basilica*.

Em S. João de Latrão se vêem restos do palacio de Constantino, e um numero pasmosissimo de reliquias: a borda do poço de Jacob, na qual Jesus Christo estava sentado, esperando a Samaritana: uma columna do templo de Jerusalem, que se rasgou em duas partes quando expirou o Salvador: a pedra sobre que foi tirada a sorte, pelos soldados romanos, a tunica inconsul da Augusta Victima do Calvario: e duas columnas do palacio de Pilatos.

Que bellissimo sanctuario! Que riquissimo thesouro!

Ora convem notar que as reliquias que nomeamos em ultimo logar, não obstante terem a seu favor uma tradi-

ção de seculos sobre a sua autenticidade, não são todavia expostas publicamente á veneração dos fleis; a Egreja Romana não o permite, porque não julga sufficiente essa tradição. Tal é a prudente reserva da Egreja n'este e n'outros pontos.

Em S. João de Latrão ha uma porta tapada a pedra e cal, chamada a *Porta Santa*, que em todos os vinte e cinco annos, na vespera do Natal, se abre por uns operarios, sendo a cerimonia feita por um cardeal, deputado pelo Santo Padre.

Principia o anno do jubileu ou o anno santo.

Ao mesmo tempo que se faz esta abertura solemne em S. João de Latrão, são demolidas as portas (egualmente tapadas a pedra e cal) das egrejas de S. Pedro no Vaticano, de S. Paulo fóra dos muros e de Santa Maria Maior.

Na *Porta Santa* lêem-se em caracteres dourados as seguintes palavras: «Clemente, Urbano, Benedicto, etc. me abriu em tal anno.»

E' na basilica de S. João de Latrão que os summos pontifices veem tomar solemne posse da sua suprema dignidade.

Esta egreja occupa a primeira ordem entre todas as egrejas catholicas: é a cathedral do mundo, porque é a cathedral de Roma, cabeça do mundo, e eis porque o Bispo do mundo, o Bispo de Roma, alli se dirige depois da sua eleição no Quirinal e coroação no Vaticano.

E' esta a regra geral que sempre se tem observado; mas soffreu uma excepção na eleição do Santissimo Padre Leão XIII, em 1878, em consequencia das circumstancias em que se achava (e ainda duram) a cidade de Roma, oprimida pela Revolução.

Em S. João de Latrão se celebraram trinta e tres concilios, ecumenicos, provinciaes e particulares; assembleias magestasas a que acudiram todas as glorias da Egreja universal, milhares de Bispos, Cardeaes, doutores do Oriente e do Occidente, para darem de seculo em seculo testemunho da fé do mundo inteiro, e darem essas grandes batalhas da verdade contra o erro, que, firmando o Evangelho, não salvado a civilização.

Estas assembleias ecclesiasticas são o mais bello espectáculo que se tem representado na basilica de S. João de Latrão.

Daremos aqui uma breve noticia dos concilios ecumenicos ou geraes que se congregaram n'este templo. São cinco.

Concilio geral IX, e I de Latrão. Foi celebrado no anno de 1123: assistiram, segundo a opinião mais commum, trezentos Bispos, e peresidiu o Papa Calixto II.

N'esta assembleia foi confirmada a abrogação das *investiduras* que se arro-

gavam os imperadores, por meio d'uma concordata entre Calixto II e Henrique V.

Tratou-se da espedição á Terra Santa, e da defeza das Egrejas de Hespanha, contra os inleis, e restaurou-se a disciplina ecclesiastica que ia decabindo.

O imperador Henrique V, tendo perseguido a Egreja, afinal se reconciliou com ella, submettendo-se á Santa Sé.

Concilio geral X, e II de Latrão. Convocado no anno de 1139, as suas vistas eram extinguir o scisma de Pedro Leão, ou do anti-papa chamado Anacleto II, condemnar os erros de Pedro de Bruis e Arnaldo de Brescia, e reformar a disciplina da Egreja.

Foi presidido pelo Papa Innocencio II, e assistiram aproximadamente mil Bispos.

Concilio geral XI, e III de Latrão. A fim de proscreever a heresia dos Waldenses e Alligenses, e firmar a concordia entre o Papa Alexandre III e o imperador Frederico I, foi congregado este concilio no anno de 1179, com a assistencia de trezentos Bispos.

Concilio geral XII, e IV, de Latrão. Celebrado no anno de 1215 por Innocencio III, para recuperar a Terra Santa e reformar alguns abusos que se haviam introduzido, foram n'elle condemnados os erros do abbade Joaquim e de Almarico, e se determinaram muitos pontos de disciplina ecclesiastica. Assistiram mais de quinhentos Bispos.

E' este o mais celebre concilio que se celebrou em S. João de Latrão, e mesmo um dos mais celebres de toda a christandade, depois do de Trento. Quando no direito canonico se cita o concilio de Latrão sem adjectivo, entende-se sempre este que mencionamos. E' tambem o que mais é citado pelos theologos, por causa das importantes decisões que n'elle se tomaram sobre varias materias de disciplina ecclesiastica.

Concilio geral XX, e V de Latrão. Foi convocado em 1512 por Julio II, e concluido em 1517 no tempo de Leão X.

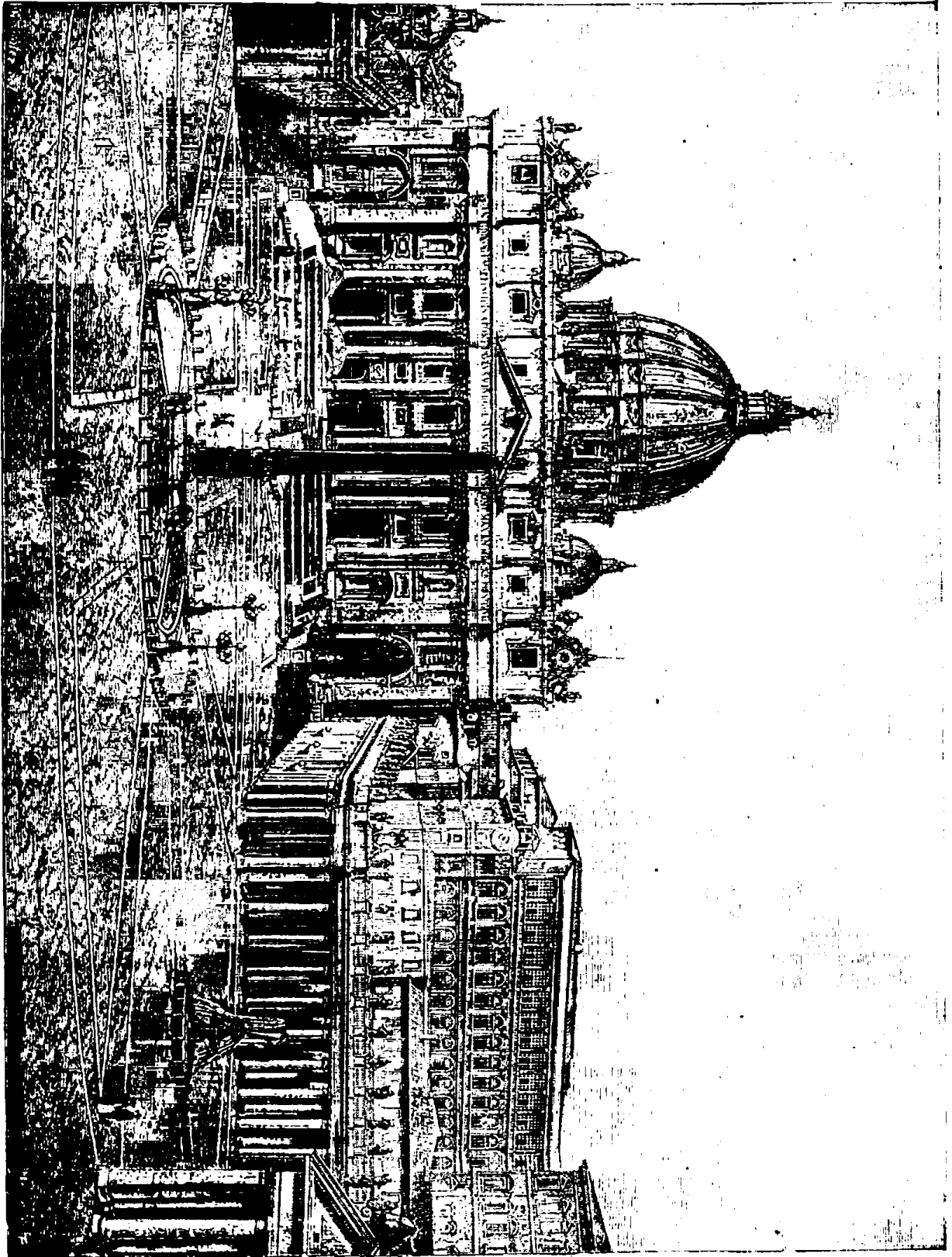
Entre outras cousas que se trataram n'esta respeitavel assembleia, foram condemnadas as actas do concilio de Pisa e a sanção pragmatica, que já tinham proscripto Eugenio IV, Pio II e outros Pontifices. Assistiram cento e quatorze Bispos.

São estes os concilios ecumenicos que se teem reunido na egreja de S. João de Latrão, a senhora de todas as egrejas, que a tornam celebre, alem d'outros muitos titulos que a ennobrecem.

Supposto que não foi ecumenico, mas só provincial, merece particular menção o concilio de Latrão, celebrado no anno de 1725, pelo Papa Bento XIII. D'elle trataremos no artigo seguinte.

(Continúa).

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.



BASILICA DE S. PEDRO

É PALAÇIO VATICANO EM ROMA

Secção Litteraria

HYMNO

A S. VICENTE DE PAULO — O APOSTOLO DA CARIDADE

Exemplar dos celestes fervores,
que ensinara aos humanos Jesus!
a teu seio, c'os mesmos ardores,
unes orfãos, os pobres, a Cruz.

Santo excelso! tu fulges na Igreja
como um astro suspenso nos céos!
Na virtude, que em teu rosto alveja,
não és homem—és Anjo de Deus.

Mal ensaias na vida os teus passos
e caís presa de infrene judeu,
vais pagar-lhe a durez de seus laços
com mostrar-lhe as estancias do céo.

Vês carpir na grilheta o forçado,
succumbido do açoute ao rigor;
se lhe acodes, por elle immolado
te consagras às lides, à dôr.

Quando alçava as tyrannicas unhas
sôbre o inferno a penuria voraz,
tua mão de repente entrepunhas,
transmutando as angustias em paz.

Pobre infante, sem vestes, carpiudo,
se nos gelos asperrimos cái,
em teus braços o apertas, sorrindo,
entre aflagos, que nega-lhe um pãe.

Quando irados os raios da guerra
põem incendio às cidades e ao val,
teu desvelo incansavel se encerra
no apagar os vestigios do mal.

Se alguém soffre, engrinaldas-lhe o horto;
se alguém cai, logo o esteias na Cruz.
Da tu'alma deriva o conforto,
as unções, as esp'ranças, a luz.

Cada povo te chama dilecto;
cada plaga teu nome beindiz;
cada peito te sagra um affecto;
quem te invoca se julga feliz.

Zêlo, amor, confiança, humildade,
tem por lemma teu nobre pendão:
alistado sobre elle, quem ha de
de infortunios temer o baldão?

E estes filhos, que aqui são postados,
d'elle á sombra, evocando-te assim,
ver anhelam seus nomes gravados
entre as filias celestes por fim.

Sê-lhes guia! As eternas venturas,
sempre, ah sempre, apontando-lhes vás,
tê que os vejas ganhar as alturas
d'esse alcáçar d'amor onde estás.

MANUEL MARIA FRUCTUOSO.

Secção Critica

Testimunho insuspeito

M. EMILIO Ollivier disse de si, na ultima obra que publicou:

«Certamente eu nunca fui suspeito de estar no partido clerical.» Ora termina elle esse livro (em que ainda se lêem muitas incoherencias, resultado de velhos preconceitos) por uma formosa pagina que folgamos de citar:

«Ha no christianismo tal fecundidade de misericordia social, que até agora os innovadores mais decididos a mostrar-se audazes só poderam inventar, com muito custo, o que elle ensinara ou praticara havia muito: Cabet, a comunidade apostolica dos bens; Enfantin, a auctoridade sacerdotal; Pedro Leroux, a Trindade, a que chama a triade; Augusto Comte, o culto dos mortos; Proudhon, a gratuidade do emprestimo a juro. Mas nenhum d'estes reformadores tentou imitar, nem de longe, os dois homens sublimes suscitados pelo sopro fraternal do christianismo que, não obstante os seculos decorridos entre elles, se completam tam admiravelmente, Francisco d'Assis e Vicente de Paulo.

«Francisco condeou-se principalmente do soffrimento moral do pobre, a humilhação; e para o consolar, não sabendo como destruir a desigualdade, esposou a pobreza, viuva desde que o seu primeiro esposo subira á cruz; e com ella viveu como mendigo.

«Vicente commoveu-se sobretudo com o soffrimento physico do pobre, a nudez; e não sabendo como dar-lhe parte dos bens da terra, se fez em proveito d'elle prégador de compaixão, e lhe grangeou servas gratuitas, as Irmãs da caridade.

«Homens do povo, todas as vezes que se fallar de pôr a mão na religião do Evangelho lembrae-vos de que lhe deveis Francisco d'Assis e Vicente de Paulo; os dois mais ternos amigos que tendes tido na terra.

«E vós, chefes dos Estados, quando tiverdes tentações de destruir a fé no coração dos desgraçados, dizei comvosco que aquellas a quem roubastes o ceo da vida futura, cedo ou tarde vos pedirão contas no presente, e Deus queira que não seja com a força e com o ferro!»

Diz isto o liberal Ollivier; os liberaes portuguezes são mais civilizados: calumniam e insultam os frades e as irmãs da caridade.

Pedido a um liberal

OSR. Martins de Carvalho! V. Ex.ª é capaz de nos dizer para onde foram os rendimentos dos Frades?

No *Diccionario Popular*, de que é director o Sr. Pinheiro Chagas, e de que V. Ex.ª é tambem collaborador, segundo se lê nas capas de todos os fasciculos, diz-se que por um calculo feito em 1833 se achou que o rendimento annual dos conventos em Portugal era de MIL CENTO E SESSENTA E DOIS CONTOS CENTO E DOZE MIL REIS.

O Sr. Martias de Carvalho, que no seu *Conimbricense* anda sempre a dar noticias e apontamentos curiosos, porque nos não deu ainda noticia do destino que tiveram estes rendimentos? Porque nos não apresenta em quadro luxuosamente emoldurado, a applicação que a sua cara *liberdade* (com licença) deu a tanto dinheiro, que nos tempos do *obscurantismo* eram gastos no sustento dos ociosos moradores dos conventos? Pois em todos os n.º do seu jornal nos dá mostras das suas colleções, bocadinhos da sua fina intelligencia para descobrir raridades, e nos não deu, ha tantos annos, uma noticia ao menos do sitio onde pãram os MIL CENTO E SESSENTA E DOIS CONTOS CENTO E DOZE MIL REIS, que serviam para engorda dos frades!

E' boa!

Que com esses 40 MIL CONTOS, que a tanto montava o valor dos bens das casas religiosas, se não melhorou o estado do thesouro publico, isso sabemos nós, porque o vemos cada anno mais empenhado.

Que com esses 40 MIL CONTOS se não aliviou o contribuinte, temos nós tambem a certeza, porque elle, coitado, cada dia é mais sobrecarregado.

Que não se gastou em subsidiar a instrucção, tambem é um facto, porque os proprios professores primarios teem morrido de fome.

Que se não empregou em subsidiar os missionarios nas nossas possessões d'alem-mar, é de todos sabido, porque as nossas colonias tem sido desprezadas pelos poderes publicos.

Não é possivel descobrir-se o sorvedouro que lambeu tanto dinheiro! e se o Sr. Martins de Carvalho não dá uma busca nas suas colleções, não sei como se possa saber nada a tal respeito.

Procure, procure, senhor Martins de Carvalho.

UM LEITOR DE GAZETAS.

Secção Illustrada

BASILICA DE S. PEDRO

2

PALACIO VATICANO EM ROMA

I

DAMOS hoje aos nossos leitores o exterior da Basilica de S. Pedro e palacios do Vaticano. A excellente gravura, fielmente copiada de uma bella photographia dá a conhecer assás o que seja esse vastissimo edificio, o maior do mundo e o que mais bellezas artisticas reune, graças ao amor que os descendentes do Príncipe dos Apostolos sempre tiveram pelas artes. Do interior do templo já aqui nos occupáramos não ha muito ⁽¹⁾, e por isso teremos hoje de nos occupar tão sómente do exterior.

Eleva-se o esplendido edificio na vasta praça de S. Pedro, e é do meio d'esta praça que se deve admirar a maravilhosa basilica. As columnatas que ladeam o templo são a obra mais magnificente que existe no mundo. E' obra de Bernini, que substituiu assim o plano de Miguel Angelo. São quatro renques de columnas, occupando uma largura de 18 metros, e por sobre estas quatro pilastras quadradas com cento e quarenta columnas de travertino por lado, medindo 13,33 de altura, eleva-se formosa balaustrada ornamentada com oitenta e oito estatuas.

O primeiro pontifice que teve a lembrança de levantar um templo sumptuoso, tão sumptuoso que assombrasse o mundo, foi Nicolau v. Este pontifice, porém, deixou a terra e os seus desejos, apesar dos esforços empregados por Paulo II, não foram realisados.

Estava destinado a Julio II e Leão X, os protectores das artes e das lettras, a realisação do projecto mais estupendo, e que havia ser a maior gloria do Papado e do Catholicismo. Julio II e Leão X, que não recuavam diante de difficuldades de qualquer especie, quando se tratava de dar impulso ás lettras ou ás artes, tiveram Bramante para conceber o plano da grande basilica, assim como Paulo III tivera Miguel Angelo para concluir o atrevido pensamento de sustentar entre as nuvens a maior maravilha da architectura, que se não pôde contemplar, diz um escriptor protestante, sem que o espirito se arroube em extasi divino.

Fallamos da cupola, ou zimbório, da qual encontramos n'um escripto antigo a seguinte descripção:

O zimbório, ou cupola é dobrado—

(1) V. gravura de pg. 253 e artigo de pg. 261 do 5.º volume.

queremos dizer que de facto são dois zimbórios—um interno, outro externo, correndo entre ambos a escadaria que conduz á summidade. O diametro do zimbório interior é de 140 pés, o do exterior é de 195. Desde a cornija, immediatamente acima das columnas, até a abertura da lanterna a distancia é de 170 pés, e d'alli ao topo da cruz são 110 pés. A altura total em que fica o topo da cruz acima do pavimento é de 458. Muita inquietação tem causado em diferentes tempos a estabilidade da cupola de S. Pedro. Pelos fins do seculo XVII espalhou-se que ella dera de si com o peso: mas procedendo-se a exame não havia causa razoavel para sustos. Em 1742 correu de novo o mesmo boato: chamaram-se mathematicos e architectos, que produziram opiniões encontradas. Agora tem a cupola varias cintas de ferro; e desde a sua edificação tinha duas. Notam-se porém fendas em toda a redondeza do tympano, que, segundo Mr. Woods, indicam alguma dilatação n'aquella parte pela expansão do zimbório.

«Apesar de todos os vinculos de ferro, as fendas nas escarpas são as mais importantes, e pela sua direcção, quasi uniformemente por fóra e para baixo, indicam que a cupola tem feito algum assento sobre os encontros, ao passo que as columnas, que repousam sobre as arcarias apumadas da nave, tem conservado a sua posição. Os grandes pérgões tem por isso provavelmente bojado para fóra. Nem tem o movimento inteiramente cessado; por quanto uma peça de marimbre galeada, e disposta para verificar o facto em 1810, se achou estalada em 1825. Talvez nada haja que recear, mas como estalou um dos vergalhões de ferro que rodeavam a cupola, esta fez provavelmente bastante assento, o que sempre acontece em obras feitas aos poucos. Seis cintas novas de ferro tem hoje, embebidas no tympano, e parece estar segura aquella machina, áinda que ha architectos italianos que dizem que estas obras tem feito mais mal do que bem ao zimbório.» A subida ao tecto de S. Pedro é muito facil.—«Ficariéis de boca aberta (diz nm moderno escriptor) quando eu vos dissesse que um largo caminho calçado guia ao topo da basilica de S. Pedro, intransitavel para carruagens por causa de ser em caracol, mas por onde vão continuamente cavallos carregados de pedra e carvão, e a subida é tão suave, e o caminho tão bom, que tudo vae para cima, ou vem para baixo com perfeita segurança.» Quando o viajante chega aos eirados do tecto, a immensidade do edificio se mostra em toda a sua plenitude. Casinholas e officinas para os operarios empregados em reparos que nunca tem fim, estão alli construidas, e perdem-se n'aquella vasta planicie, bem como as dezoito cu-

polas das capellas lateraes, que se não distinguem cá de baixo. Deste tecto sobe-se por lanços de escadaria á bola que sustenta a cruz. Esta bola tem vinte e quatro pés de diametro, e capacidade para conter dezoito pessoas. Da balaustrada externa da bola os aventureiros montam ás vezes até o pé da cruz por uma escada de mão, feita de ferro, que é em parte inteiramente perpendicular.

II

Concluimos transcrevendo o seguinte bello artigo, que ao grande escriptor catholico, Luis Veuillot, inspirou a magnificente basilica de S. Pedro, e que é traduzido do seu livro *O Perfume de Roma*:

«Não queremos observar o obelisco, a columnata, ou o peristilo. Apressamos o passo, com a mão tremula levantamos o pesado reposteiro. Achamo-nos finalmente no templo. Respiramos sob o limiar, como para impedir os nossos corações de estalar.

Na immensa nave não havia senão as lampadas de ouro da Confissão, a estatua de S. Pedro, o sol e nós.

Avançamos lentamente, penetrados de respeito, de amor e de receio, um pouco abatidos por tanta grandeza.

Receiar de que? A casa é hospitaleira ou, para melhor dizer, não estamos nós em nossa casa?

A basilica nunca me pareceu tão vasta, tão rica, tão solemne e tão agradável. A primeira vez que se vê o colosso, pode julgar-se inferior ás espectativas da imaginação. Comtudo nossa irmã me disse, nunca imaginado nada tão bello.

Uma coisa é entrar aqui como curioso, ou entrar como christão. Mas as proprias impressões d'um christão ficam longe dos sentimentos delicados d'uma mulher. As mulheres vivem com Deus mais do que nós; o reflexo da sua presença mais prontamente as commove.

Em quanto a mim tive tempo de estudar S. Pedro.

Percorri-o cem vezes, parei deante de todos os seus altares, deante de todos os seus tumulos, deante de todas as suas pinturas d'um brilho indelevel, travei conhecimento com esse povo de grandes imagens, esse immenso thesouro de reliquias sagradas.

Vi alli o Papa muitas vezes, ora sem pompa, ora em toda a magestade das suas incomparaveis funcções; vi-o coroadado com a teara, na *sedia*, abençoando uma multidão composta de representantes de todos os povos do mundo: e o prodigioso cortêjo movia-se á vontade n'aquella nau de marmore e ouro.

* * *

A atmosfera de S. Pedro, esse ar morto, igual e perfumado, que se não respira em mais parte alguma, recorda-me infalivelmente algumas das circunstancias mais sollemnes da minha vida: resuscita em mim o perfume dos meus melhores desejos, das minhas mais doces lagrimas, das responsabilidades que mais honraram o meu coração.

Tudo volta, me acomete e me arrebatava: estou inundado de luz, de alegria, e de esperança; a alegria da esperança é já a alegria do triumpho. Então essa vasta construção toma a meus olhos todas as suas dimensões, e ouço a sua linguagem.

E' um poema, o poema da religião e da victoria de Christo.

Toda a historia, toda a sciencia, toda a arte, todas as riquezas da natureza, todas as concepções, e todos os trabalhos dos homens estão aqui reunidos para afirmar o Christo, Filho de Deus, para o abençoar e para o glorificar.

O côro incomparavel de todas essas vozes é S. Pedro. E' alli que se pode sentir a dellicencia da linguagem humana. Certos detalhes já não são do gosto d'hoje. Mas, mesmo quando a expressão aborta, o pensamento é divino, e o todo, formando uma perfeita harmonia, corréponde à sublimidade do desenho.

Que plano, que divisões grandiosas, que ordem por toda a parte e que abundancia de inspiração n'essa maravilhosa uniformidade.

Desde as estatuas dos dois grandes Imperadores Constantino e Carlos Magno, sentinelas triumphantes collocadas sob o perystilo, até ao altar em que descança o corpo do Principe dos Apostolos; desde a *loggia*, d'onde parte a grande benção, para abranger o Universo, até ao fundo da basilica, onde o Pulpito do Pescador está suscido pelos Doutores do Oriente e do Occidente; desde o obelisco de Nero, erguido no adro, até à cruz que irradia sobre a cúpula.

Não ha uma pedra n'essa montanha de gloria que não esteja no seu lugar, que não dê esplendor, que não exprima uma palavra forte e sublime. Roma o epilogo de tudo, resume-se em S. Pedro: e S. Pedro apregôa em Roma e no mundo a victoria da cruz sobre Roma e sobre o mundo.

Victoria por todas as grandezas, por todas as luzes, por todas as dedicações; erguei-vos, Apostolos, Martyres, Doutores, Patriarchas, Santos de todos os tempos cujos ossos e imagens estão aqui: erguei-vos, Herôes, que guardaes as portas do sanctuario, erguei-vos nações, que o tendes desfendido!

Victoria por todos os milagres: erguei-vos, seculos!

Desde que o sangue de Simão Pedro

envermelheceu este sol; que de correntes não tem alli passado para lhe arrancar o tumulo!

Correntes de fogo, correntes de algôzes, correntes de exercitos, correntes de escribas e de blasphemadores; cada seculo tem trazido as suas correntes. . . e cada corrente tem trazido algumas das pedras que formam o edificio!

Victoria pela fé, mais poderosa do que as armas, victoria pelo amor, mais forte do que o tempo. O tempo seria a arma invencivel da morte; mas a morte e o tempo são vencidos pelo amor, e o canto da victoria é tambem o canto do amor. O amor sonhou estas grandezas, accumulou estas riquezas, enlaçou estas harmonias, e este templo é magnifico e duradouro, por que o Deus que o enche é o Deus que ama e é amado.

* * *

Beijamos o pé de S. Pedro; transbordam os nossos corações.

De joelhos ante a *Confissão*, o rosto sobre esse marmore, doce como o peito d'um amigo, correm-nos as lagrimas. Tu lembras-te d'isso, irmão, e sabes bem que é alli que se pode esquecer!

E' alli o centro do centro, a *pedra* que sustenta todo o edificio de Deus. «Aqui reside em espirito assembléa dos fleis, porquanto, em qualquer ponto da terra que habitem, todos os que são de Christo Nosso Senhor, pela pureza d'alma e pela pureza da fé, se voltam para o santo pulpito de Roma, semelhante ao sol da eterna luz d'onde irradia sobre elles o esplendor dos bens espirituaes e dos dogmas sagrados.

* * *

Ouvimos missa e proseguimos lentamente n'esta primeira visita.

Saudamos essas reliquias sem numero, umas com nomes lão celebres, e outras de que só Deus sabe os nomes.

Vinte e quatro Papas santos repousam em volta de S. Pedro. O corpo de S. Gregorio de Nazianzo, está debaixo d'este altar; debaixo d'aquelle outro está o de S. João Chrysostomo.

Eis aqui S. Judas e S. Simão, Apostolos; S. Gregorio o Grande; S. Leão o vencedor d'Attila; eis aqui os santos martyres Processio e Martiniano carcereiros de S. Pedro, que lhes abriu a bemaventurada eternidade.

Osze columnas do templo de Jerusalem enriquecem o templo da nova Alliança, o templo definitivo contra o qual as portas do inferno jámais prevalecerão, e que subsistirá, ainda mesmo quando a propria terra não existir mais.

Uma d'essas columnas está guardada na capella da *Piedà*. Ella tocou no Deus homem, que se encostou a ella para ensinar.

Que direi eu mais, e que não diria eu,

se pudesse repetir o que ouvimos d'essas pedras eloquentes, se soubesse ao menos balluciar essa linguagem divina? Ha luzes que abrem o infinito. E' o deslumbramento dos discipulos de Emmauz:

«Não é verdade que o nosso coração estava todo abrazado, quando Elle nos fallava durante o caminho?»

R.

Secção Bibliographica

OS FRADES

Como a Imprensa recebeu o livro de J. de Lemos

II

Os frades.—Recebemos e agradecemos os exemplares, com que fomos brindados, d'esta importante e interessantissima obra, a mais recente com que o festejado escriptor catholico e legitimista, o sr. João de Lemos, sobre-doura a sua corôa já tão brilhante.

Ainda ha pouco esta obra viu a luz publica, já a segunda edição sae dos prelos para attestar a anciedade e o entusiastico acolhimento que recebeu do publico o novo livro de João de Lemos.

Presagiamos à segunda edição a sorte da primeira, pois que o assumpto, e o nome do auctor exigem que este livro entre em todas as estantes dos homens politicos ou dos homens doutos.

Felicitemos o sr. Teixeira de Freitas pelo excellent resultado que obteve da publicação dos *Frades*, e não menos o auctor pelos novos testemunhos de apreço e admiração que este seu trabalho tem obtido com innegavel justiça.

(*A Cruz e Espada*, de Braga, de 8 de Setembro de 1883.)

Memoria historica dos concilios nationaes, provinciaes e synodales da antiga e muito illustre egreja de Braga, por Alfredo Elviro dos Santos, Bacharel em theologia pela Universidade de Coimbra.—4.ª edição muito correctã e ampliada—1833.

Um livro curiosissimo, que em todos os tempos hade ser apreciado pelos estudiosos e pelos amantes e entusiastas das glorias patrias, é este de que nos vamos occupar rapidamente. E dizemos rapidamente porque a mór parte dos leitores do *Progresso Catholico* tem já d'elle conhecimento, porque nas columnas d'esta Revista foram primeiro publicados varios artigos de que se compõe o livro, e porque, e isto é o principal, o author